

O debate sobre aporofobia promovido pelo Padre Júlio Lancellotti nas redes sociais: uma análise semiolinguística

Mônica Santos de Souza Melo¹

Resumo: Nosso artigo tem como objetivo descrever e analisar a repercussão das publicações do padre Júlio Lancellotti no Instagram, ao longo do mês de janeiro de 2022 que denunciavam a prática da aporofobia pela adoção de uma “arquitetura hostil” em várias cidades brasileiras. Interessam-nos, especificamente, os comentários que se opõem às publicações de Lancellotti e que reproduzem e reforçam o sentimento de aversão ao pobre que o padre denuncia. Para empreender nossa análise, adotamos como eixo teórico a análise semiolinguística do discurso, de Patrick Charaudeau, em especial a noção de imaginário sociodiscursivo e os procedimentos relativos ao modo de organização argumentativo, definidos por esse autor. Tal análise nos permitiu constatar que as publicações que apoiam as atitudes de aporofobia citam argumentos que reforçam uma série de imaginários negativos associados à imagem da pessoa em situação de rua, que a colocam como um ser nocivo à população em geral, o que faz com que essas publicações tenham o potencial de incitar os leitores a fomentarem um sentimento de aversão ao pobre.²

Palavras-chave: Discurso; Aporofobia; Redes sociais.

Introdução

Sólo le pido a Dios que el dolor no me sea indiferente.
(León Gieco)

“Odeio pobre!”. Esse era o bordão proferido repetidamente por um personagem de um programa humorístico televisivo bastante popular, que foi ao ar pela Rede Globo, nas noites de domingo, entre os anos de 1996 e 2002: “Sai de Baixo”. O autor da frase era o personagem Caco Antibes, interpretado por Miguel Falabella, que representava um membro da alta sociedade paulista que teve seus bens confiscados pela Receita Federal, em função de uma série de irregularidades, e se viu obrigado a se mudar de sua mansão nos Jardins, junto com a esposa e a sogra, para o apartamento do tio, no Centro de São Paulo. Inconformado com a decadência, Caco era extremamente vaidoso e, poderíamos dizer, entojado. Vivía em conflito com o tio e a sogra e tramava constantemente planos para tentar conseguir dinheiro fácil e recuperar a

¹ Professora Titular de Linguística do Departamento de Letras e Programa de Pós-Graduação em Letras da UFV. Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: monicamelos@ufv.br. E-mail: monicamelos@ufv.br. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-6502-9280>.

² O presente trabalho foi realizado com o apoio do CNPq.

posição perdida. O bordão que na época fazia o público rir expressa os sentimentos de desprezo e aversão ao pobre que são compartilhados por uma parcela da população, no Brasil e no mundo, e que são sintetizados pelo conceito de aporofobia, cunhado pela filósofa espanhola Adela Cortina (2020). Este termo, que resulta da composição dos radicais gregos *aporo* (pobre) e *fobia* (medo; aversão), designa a aversão sistêmica ao pobre, sentimento que tem se ampliado recentemente e que, no Brasil, tem se materializado inclusive pelo comportamento e por manifestações de pessoas públicas e ocupantes de espaços de governança. É o que se observa numa manifestação do atual ministro da Economia, Paulo Guedes, de fevereiro de 2020, que, ao defender o dólar alto, disse: “[...] empregada doméstica estava indo pra Disney. Uma festa danada.”³

A aversão aos pobres encontra uma manifestação cruel na chamada “arquitetura hostil”, que compreende recursos empregados em construções urbanas que visam impedir as pessoas de usarem determinados espaços. Esse tipo de recurso “[...] se manifesta por meio de barras ao centro de bancos, gradis ao redor de uma praça, espetos afiados em canteiros e pedras pontiagudas sob viadutos. O intuito é inibir que pessoas usem esses espaços para descanso ou lazer, e atinge principalmente as que vivem em situação de rua.”⁴

Essas atitudes de aporofobia têm sido criticadas incisivamente por um padre católico bastante conhecido no Brasil: o padre Júlio Lancellotti. Dedicado ao longo de décadas ao trabalho de assistência à população de rua de São Paulo, Lancellotti vem denunciando nas redes sociais atitudes hostis direcionadas às pessoas em situação de rua em todo o Brasil, o que vem acirrando o debate em torno do tema nas redes sociais. As reações vão do apoio e solidariedade a manifestações contrárias às ideias defendidas e discursos de ódio direcionados aos pobres e ao padre.

O objeto de nosso artigo é identificar os imaginários sociodiscursivos propostos em 100 comentários dissonantes ao posicionamento do padre Lancellotti, em resposta às suas publicações na rede social Instagram, registradas ao longo do mês de janeiro de 2022. Para empreender nossa análise, adotamos como eixo teórico a Análise Semiolinguística do Discurso, de Patrick Charaudeau (2008).

³ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/guedes-diz-que-dolar-alto-bom-empregada-domestica-estava-indo-para-disney-uma-festa-danada-24245365>. Acesso em: 14 dez. 2021.

⁴ Disponível em: <https://casavogue.globo.com/Arquitetura/Cidade/noticia/2021/02/arquitetura-hostil-o-que-e-como-se-manifesta-na-cidade.html>. Acesso em: 14 dez. 2021.

A opção por estudar um corpus proveniente das redes sociais se fundamenta, ao nosso ver, pela influência crescente que essas plataformas de comunicação exercem na sociedade. O dispositivo midiático aqui focalizado é uma das redes sociais mais utilizadas na atualidade: o Instagram. Segundo Piza (2012), esse aplicativo se originou com o objetivo de funcionar como as antigas câmeras Polaroids, que revelavam as fotos instantaneamente. Rapidamente, porém, o Instagram passou a ser usado para a publicação não só de fotos, mas também de textos e de vídeos, permitindo, também a manifestação dos seguidores das contas, por meio de *likes*, comentários e compartilhamentos da mensagem original. Por seu alcance e repercussão, o Instagram, assim como outras redes sociais amplamente usadas na atualidade, torna-se um espaço para ampla difusão das ideias.

Para Recuero (2012), as redes sociais representam, em comparação com as mídias tradicionais, uma possibilidade de democratização do acesso e da produção das informações. Além disso, a rapidez de difusão e o alcance dessas publicações aumentam seu potencial para influenciar pessoas, promovendo a adesão ou polêmica em torno das propostas defendidas. Por isso é relevante tentar entender o funcionamento dessas novas modalidades de comunicação no cenário brasileiro atual.

Nosso texto se estrutura do seguinte modo: a princípio vamos traçar um breve panorama da realidade atual das pessoas em situação de rua no país. Depois procuraremos abordar o conceito de aporofobia e sua relação com a população de rua. Em seguida, resumiremos os pontos essenciais do suporte teórico e metodológico que sustentará nossa análise e, finalmente, apresentaremos a análise dos dados, seguida de algumas considerações finais.

A situação de rua no Brasil: um problema social

Ao tratar a situação da população de rua no Brasil como um problema social, Silva (2017) afirma que o aumento de pessoas em situação de rua se deve em grande parte ao processo de industrialização. Esse aumento, de acordo com Silva (2009), foi acentuado na Europa, na época da Revolução Industrial, quando muitas pessoas se deslocaram do campo para a cidade, à procura de trabalho nas fábricas. Muitos trabalhadores que não conseguiram ser absorvidos pelo mercado de trabalho acabaram sendo levados a viver nas ruas. Também no Brasil, conforme Caldeira (2010), processo semelhante ocorreu entre as décadas de 1930 e 1970, período em que muitas pessoas deixaram o campo e buscaram emprego nas fábricas

concentradas, na sua maioria, na região Sudeste. Grande parte dessas pessoas que não foi absorvida pelas indústrias não tinha condição de ter uma moradia e, por isso, passou a dormir nas ruas.

Dados recentes obtidos por meio do CENSO SUAS, divulgados em IPEA (2020, p. 10), evidenciam um aumento expressivo do número de pessoas em situação de rua no Brasil a partir de 2012. De acordo com esse levantamento, o aumento de pessoas vivendo nas ruas de setembro de 2012 a março de 2020 foi de 139%., como mostra o gráfico abaixo:

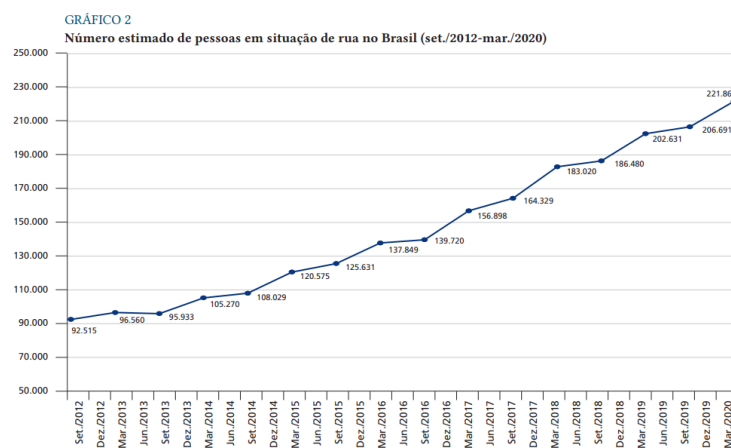


Gráfico 1 Número estimado de pessoas em situação de rua no Brasil (set./2012-mar./2020). Fonte: Censo Suas; Cadastro Único; RMA; IPEA (2015); IBGE (2015).⁵

Ainda de acordo com o gráfico, estima-se que, atualmente, cerca de 221.869 pessoas estejam vivendo em situação de rua no Brasil.

Silva (2017) cita em seu trabalho o perfil da população em situação de rua, traçado pelo Instituto de Pesquisa META. Segundo pesquisa realizada por esse Instituto:

[...] a população em situação de rua é um grupo populacional heterogêneo, caracterizado por sua condição de pobreza extrema, pela interrupção ou fragilidade dos vínculos familiares e pela falta de moradia convencional regular. São pessoas compelidas a habitar logradouros públicos (ruas, praças, cemitérios etc.), áreas degradadas (galpões e prédios abandonados, ruínas etc.)

⁵ Disponível em: https://www.ipea.gov.br/porta1/images/stories/PDFs/nota_tecnica/200612_nt_disoc_n_73.pdf. Acesso em: 18 nov. 2021.

e, ocasionalmente, utilizar abrigos e albergues para pernoitar (META/MDS, 2008, p. 3-5).

Ainda segundo Silva (2017), a permanência de pessoas nas condições descritas acima parece ser um problema de difícil solução, uma vez que, ao invés de promover ações de combate à desigualdade social, o poder público, em geral, prefere adotar medidas “higienizadoras” que afastem as pessoas das ruas. Faz parte desse conjunto de medidas a implementação de uma “arquitetura hostil”, por parte de entidades públicas e privadas, como veremos a seguir.

Aporofobia: uma patologia social

Adela Cortina, em seu livro “Aporofobia, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia”, identifica as características desse fenômeno, o qual considera ser uma espécie de patologia social. De acordo com Cortina (2020), a aporofobia se insere no conjunto de crimes de ódio, no qual figuram a xenofobia, a homofobia, a misoginia, dentre outros. Como crime de ódio, compartilha, com esses outros, as seguintes características: i. direciona-se a um indivíduo não por ele ter causado algum dano ao falante, mas pelo fato de possuir algum traço que o identifica como pertencente a um determinado grupo; ii. difama um grupo, atribuindo a ele - embora sem evidências- atos que seriam prejudiciais à sociedade; iii, incita a sociedade ao desprezo a esse grupo, promovendo, em certos casos, ações violentas contra esse grupo. iv. supõe uma desigualdade estrutural que o coloca em posição de superioridade em relação ao grupo que toma por alvo e usa o discurso para manter essa suposta superioridade. v. não reconhece o outro como sujeito, mas como um objeto que deve ser alvo de desprezo e rejeição. Trata-se de um discurso monológico, em que predomina uma argumentação que visa a expressar e incitar o desprezo ao outro.

Cortina (2020) defende a tese de que a aporofobia tem bases biológicas e sociais. Acredita que esse fenômeno está relacionado à capacidade adaptativa biológica e social do indivíduo que tende a se afastar de situações e pessoas que tragam problemas e que não contribuam para sua sobrevivência e bem-estar. Para Cortina (2020):

Os pobres são aqueles que não têm a possibilidade de dar algo em troca em um mundo baseado no jogo de dar e receber. Assim, parece que levá-los em consideração implica perder capacidade adaptativa biológica e social, pois são

os bem situados que podem ajudá-los a sobreviver e prosperar. (CORTINA, 2020, n. p.).

No entanto, para a autora, a pobreza não está apenas ligada à falta de dinheiro, mas também à falta de poder. Para Cortina os “sem poder” são:

os descapacitados psíquicos, os doentes mentais, os pobres de solenidade, os sem papéis, os “descartáveis”, os sem amigos bem situados. Em cada esfera social, aqueles que não podem devolver os bens que nela são trocados, que podem ser favores, empregos, cargos, dinheiro, votos, apoio para ganhar as eleições, honras e regalias que satisfazem a vaidade. (CORTINA, 2020, n. p.).

Sob esse ponto de vista, os pobres são vistos como pessoas que não poderiam trazer qualquer contribuição material ao grupo, visão que faz com que sejam alvos de atitudes de segregação.

Pressupostos teórico-metodológicos

Adotamos como suporte teórico e metodológico de nossa investigação a Teoria Semiolinguística, que é uma abordagem que se insere no âmbito dos estudos discursivos e, como tal, leva em conta a necessidade de se interpretarem as unidades de que o discurso se compõe inseridas num contexto no qual interagem um sujeito comunicante e um sujeito interpretante, que, como seres psicossociolinguageiros devem organizar e interpretar o ato de linguagem em função da situação de enunciação da qual fazem parte. Assim, ambos estão sujeitos a uma espécie de “contrato de fala” (CHARAUDEAU, 2010, n. p.), que define um conjunto de restrições às quais eles devem se submeter e, ao mesmo tempo, um conjunto de estratégias que podem ser utilizadas pelos sujeitos, em função da situação comunicativa em que se encontram. Essas estratégias fazem parte de um amplo repertório fornecido por princípios de organização da matéria discursiva, os quais Charaudeau (2008, p. 63) identifica como “modos de organização do discurso”.

Os modos de organização reúnem uma série de procedimentos e categorias que são ordenadas em função das finalidades do ato de fala. Eles são de quatro tipos: o enunciativo, que indica a posição do enunciador em relação ao seu interlocutor, ao seu discurso e aos terceiros evocados na fala; o descritivo, que envolve os procedimentos de identificação e qualificação

dos seres; o narrativo, que permite que se apresentem ações que se sucedem e se influenciam; o argumentativo, que envolve procedimentos capazes de levar o ouvinte a partilhar um ponto de vista.

Para Charaudeau (2010), todo ato de fala deve ser encarado do ponto de vista psicossocial. Assim, ao organizar o seu discurso, o indivíduo seleciona um conjunto de estratégias, a partir das restrições que lhe são impostas, e, a partir dessa escolha, é capaz de promover uma categorização e uma representação da realidade identificadas por Charaudeau como “imaginários socio-discursivos” (CHARAUDEAU, 2017, p. 578).

A tese de que a linguagem é responsável pela proposição e consolidação de imaginários não é nova, tendo sido já citada por autores como Bourdieu (1973). Para esse sociólogo, a fala é um dos meios pelos quais o sujeito revela condições de existência, sistema de valores, normas e símbolos. Sendo assim, há uma profunda relação entre as práticas sociais, as trocas linguageiras e os processos que engendram imaginários.

De acordo com Charaudeau (2017):

O imaginário é uma forma de apreensão do mundo que nasce na mecânica das representações sociais, a qual, conforme dito, constrói a significação sobre os objetos do mundo, os fenômenos que se produzem, os seres humanos e seus comportamentos, transformando a realidade em real significante. Ele resulta de um processo de simbolização do mundo de ordem afetivo-racional através da intersubjetividade das relações humanas, e se deposita na memória coletiva. Assim, o imaginário possui uma dupla função de criação de valores e de justificação da ação. (CHARAUDEAU, 2017, p. 578).

Assim, além de expressar uma forma de compreender e representar o mundo, os imaginários possuem um valor performativo, sendo capazes de incitar o outro a assumir posicionamentos, adotar comportamentos ou praticar ações.

Os imaginários se estruturam a partir de dois tipos de saberes: saberes de crenças e saberes de conhecimento. Segundo Charaudeau (2017), é em torno desses dois tipos de saberes que os sistemas de pensamento se organizam, criando teorias, doutrinas e opiniões. Os saberes de conhecimento estabelecem uma verdade objetiva, cuja garantia é a possibilidade de verificação das proposições por meio das quais se materializa. Apresenta-se por meio de uma enunciação aparentemente neutra, na qual não se identificam marcas da subjetividade do enunciador. Esse processo engloba dois tipos de saberes: o saber de ciência e o saber de experiência. Os saberes de ciência estão no campo daquilo que pode ser demonstrado e provado.

Resultam da aplicação de uma metodologia que pode ser usada por outras pessoas que tenham a competência para fazê-lo. Os saberes de experiência são empíricos e não se baseiam numa metodologia, procedimentos ou instrumentos rígidos, mas permitem ter uma visão a respeito dos fatos, das pessoas e dos fenômenos do mundo por meio de situações vivenciadas.

Os saberes de crença, por sua vez, são provenientes de avaliações, julgamentos a respeito dos fatos, fenômenos e seres que procede do ponto de vista do sujeito falante. Trata-se de um processo circunscrito ao campo dos valores, que dá lugar a dois tipos de saberes: o de revelação e o de opinião. O saber de revelação supõe a existência de uma verdade que não pode ser provada e que exige a adesão total do sujeito a ela, que é pautada em textos que testemunhem essa verdade transcendental. Os saberes de opinião referem-se aos julgamentos pessoais sobre os fatos, que se originam de crenças que não podem ser provadas, mas que são aceitas largamente ou de convicções partilhadas por um grupo específico.

Diretrizes para análise da recepção na perspectiva semiolinguística

No âmbito da Teoria Semiolinguística do Discurso, de Patrick Charaudeau, as relações sociodiscursivas, que comportam o espaço da recepção, estão circunscritas àquilo que ele chama de “circuito externo de comunicação”, que envolve os seres envolvidos nos atos de fala enquanto sujeitos psicossociais, os quais ele denomina “sujeito comunicante”, no espaço de produção, e “sujeito interpretante”, no espaço de recepção.

Para Charaudeau (2010), o sujeito interpretante:

[...] é um ator social que tem sua própria autonomia em sua ação de interpretação; ele se dedica a essa atividade em função de sua própria identidade social, da identidade social do locutor que ele percebe, das intenções que lhe atribui, de seu próprio conhecimento de mundo e de suas próprias crenças. (CHARAUDEAU, 2010, p. 5).

Sendo assim, compreendemos que os comentários aqui analisados sinalizam um indício da recepção dos textos publicados, representando reações às proposições do sujeito comunicante.

Deve-se destacar ainda que, segundo Charaudeau (2008), o TU-interpretante está sujeito a restrições, ou seja, seu comportamento depende das circunstâncias do discurso que o levam,

entre outras coisas, a “calcular os riscos de suas reações possíveis” (CHARAUDEAU, 2008, p. 46). Diante de discursos predominantemente argumentativos, esse sujeito é levado a se posicionar em relação à proposta apresentada e ao sujeito que emite a proposta, adotando algumas atitudes em relação ao ator social emissor da proposta e/ou àquilo que é dito, que podem ser de concordância ou de discordância.

As duas atitudes, tanto de concordância quanto de discordância, passam pela reiteração ou proposição de teses e de argumentos que as fundamentam. Estamos, nesse caso, inseridos numa encenação argumentativa, na qual os sujeitos envolvidos recorrem a procedimentos pertencentes ao modo de organização argumentativo adequados à situação comunicativa em que se inserem. Destacam-se nos dados analisados, como veremos, os procedimentos semânticos. Trata-se, segundo Charaudeau (2008), de argumentos que se baseiam num consenso social e que se referem a valores em domínios de avaliação, a saber, os domínios da verdade, do hedônico, do ético, do estético e do pragmático.

As atitudes de discordância podem, segundo Melo (2019), instaurar a polêmica no discurso e, em casos extremos, manifestações de ódio.

A polêmica, segundo Amossy (2017), faz parte do debate em torno de teses divergentes e de posições antagônicas. Essa é também a posição de Kerbrat-Orecchioni (1980), segundo a qual o discurso polêmico reflete opiniões diferentes sobre um determinado tema, que não são necessariamente individuais, mas que são, em geral, compartilhadas por um grupo. As manifestações de discordância extrema podem extrapolar para os chamados “discursos de ódio”. Para Melo (2019) o discurso de ódio deve ser compreendido como “[...] uma manifestação verbal que diz respeito ao comportamento de rejeição extrema do estatuto do emissor, que promove a violência e a hostilidade, sobretudo contra pessoas pertencentes a grupos mais vulneráveis, em função de sua identidade social.” (MELO, 2019, p. 1970). Destacamos, aqui, que esses discursos, que já são, por si sós, nocivos, podem acarretar consequências ainda maiores, por incitarem terceiros a adotarem comportamentos ou ações prejudiciais às pessoas e grupos que são alvos de suas agressões. É o que aponta Brugger (2007), quando distingue dois tipos de efeitos que podem ser provocados por essas manifestações: os imediatos (insultar, assediar, intimidar) e os mediatos (instigar a violência e/ou a discriminação).

No campo dos estudos discursivos, Barros (2014, p. 9) aborda os chamados “discursos intolerantes”, identificando que eles se pautam em quatro percursos temáticos: a animalização

do “outro”; a anormalidade do diferente; o caráter doentio do outro e a imoralidade do outro (ser sem ética). Para a autora:

[...] os discursos intolerantes desenvolvem temas e figuras a partir da oposição semântica fundamental entre a igualdade ou identidade e a diferença ou alteridade, e, com base nisso, constroem quatro percursos temáticos e figurativos mais frequentes: o da animalização e desumanização do “outro”, a que são atribuídos traços físicos e características comportamentais de animais; o da “anormalidade” do diferente, que é e age contra a “natureza”; o do caráter doentio e esteticamente condenável da diferença, pois, nesse percurso, o diferente é considerado como doente e como louco, em oposição aos sadios de corpo e mente, e, enquanto “doente”, também como feio; o da imoralidade do “outro”, de sua falta de ética. (BARROS, 2014, p. 9).

É a partir do quadro delineado acima que buscaremos analisar as manifestações polêmicas e os discursos de ódio identificados no material que selecionamos para estudo. Devemos pontuar, porém, que, embora se trate de manifestações individuais, elas devem ser encaradas como falas que estão submetidas ao domínio de práticas discursivas ao qual o comentarista se vincula.

É a partir desses pressupostos que abordaremos a tomada de posição e os discursos que dela se originam.

Júlio Lancellotti e a resistência em defesa da população em situação de rua

As práticas de resistência são extremamente importantes, particularmente num momento em que a sociedade brasileira atravessa uma crise não só democrática, mas também humanitária. Tais práticas são de interesse dos estudos discursivos na medida em que é, em grande parte, através do discurso que elas se consolidam.

As manifestações de resistência são produzidas por sujeitos que são afetados por restrições históricas e sociais e que, num determinado contexto, se posicionam e se expressam criticamente em relação a essas restrições. Tal postura surge a partir de uma espécie de deslocamento da tradicional visão do sujeito assujeitado de Pêcheux para uma visão do sujeito como alguém submetido a formações ideológicas e discursivas heterogêneas e que pode manifestar uma “tomada de posição” (PÊCHEUX, 2009, p. 171) frente a essas restrições. Sendo assim, o sujeito pode se identificar plenamente com os “dizeres” das formações ideológicas e

discursivas nas quais se inscreve ou pode, por outro lado, divergir dessas opiniões, por meio de atitudes discursivas de separação, tais como distanciamento, dúvida, questionamento, contestação e revolta. Os discursos de resistências e originam, portanto, de um questionamento por parte do sujeito falante (CHARAUDEAU, 2008), que pode dar origem a uma controvérsia, na qual outros sujeitos se manifestam e colocam em cena argumentos contrários, que podem expressar julgamentos de valor, denúncias e acusações. Esse tipo de controvérsia se apresenta no corpus que é alvo do nosso trabalho, como veremos a seguir.

Antes de iniciarmos nossa análise, consideramos ser relevante apresentar, mesmo que de forma sucinta, o sujeito comunicante que é autor das publicações que caracterizam uma posição de resistência à aporofobia e que provocaram os comentários aqui analisados: o padre Júlio Lancellotti.

Júlio Lancellotti é um padre católico brasileiro⁶ que atua na paróquia de São Miguel Arcanjo, no bairro da Mooca, em São Paulo, desde 1986 tendo, já nessa época, iniciado um trabalho com a pastoral com pessoas em situação de rua e menores abandonados. Participa de projetos voltados para menores infratores, detentos em liberdade assistida, soropositivos e população de rua. Também participa ativamente das redes sociais, com destaque para o Instagram, rede na qual possui 970 mil seguidores e onde publica regularmente sua rotina de trabalho e denuncia iniciativas contrárias à população de rua, fazendo reivindicações às autoridades e à sociedade civil em benefício da população pobre, dos LGBTQI+ e demais grupos vulneráveis, sobretudo da cidade de São Paulo.

Desde o final de 2021, o padre Júlio tem feito publicações de fotos em que estão representadas atitudes de aporofobia em várias cidades brasileiras, seja pela proibição de doação de esmolas, seja pela implantação de uma arquitetura hostil⁷

Aqui analisamos um total de 100 comentários contrários ao posicionamento do padre, que foram coletadas em 76 publicações feitas no período de 01 a 26 de janeiro de 2022. Neles identificamos os principais imaginários projetados em torno da população de rua, que funcionam como argumentos para sustentar a tese de que o recurso à “arquitetura hostil” é

⁶ Informações disponíveis em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/J%C3%BAlio_Lancellotti> Acesso em 12 de jan. 2022.

⁷ De acordo com Faria (2020), a expressão arquitetura hostil se refere “[...] ao tipo de arquitetura ou instalação que pretende excluir grupos indesejáveis ou grupos específicos dos espaços, especialmente do espaço público.” (FARIA, 2020, p. 33).

justificado. Trabalharemos, então, no espaço de recepção, a partir de algumas diretrizes propostas por Charaudeau (2010), conforme delineado acima.

Imaginários associados às pessoas em situação de rua

Os 100 comentários⁸ destacados apresentam enunciados que estabelecem uma polêmica em relação às publicações originais, posicionando-se contrariamente a elas. Trata-se de falas que assumem, basicamente, duas posturas: *i.* negação da aporofobia: alguns internautas não reconheceram nos fatos denunciados atitudes de aversão aos pobres; *ii.* Defesa do comportamento aporofóbico: um conjunto de internautas reconheceu e apoiou as atitudes denunciadas pelo padre. Esses posicionamentos recorrem a alguns procedimentos semânticos definidos por Charaudeau (2008) que expressam alguns domínios de avaliação por ele identificados, a saber, os domínios do estético, do ético, do pragmático e do hedônico. Todos são usados para justificar os comportamentos qualificados pelo padre como aporofóbicos.

Os enunciados que recorrem ao domínio do estético definem os seres em termos do que é bonito ou feio. Observamos que alguns comentários ressaltam que a presença das pessoas de rua torna o ambiente esteticamente desagradável. É o que observamos em:

Fico imaginando o pobre coitado trabalhador ter que pagar aluguel IPTU alvará funcionários encargos etcetcetc e ter que perder seus clientes pq seu negócio virou poleiro onde a turma dorme fuma crack e deixa o mijo e a cagada!!! (19)

Nenhum lojista é obrigado a se deparar com fezes e restos de comida todos os dias em frente ao seu estabelecimento. Todo mundo aqui gosta de andar em calçadas limpas e entrar em lojas sem uma fachada insalubre, então, não sejam hipócritas. (34)

Não é Aporofobia, é "porcorofobia"!Pq a muitos lojistas (me incluo nisso) sofrem muito com a sujeira, falta de cuidado e até vandalismo de moradores de rua. (35)

Identificam-se também muitos comentários que se centram em argumentos da ordem do pragmático, ou seja, que avaliam o impacto ou as consequências de ordem prática provocadas pela presença das pessoas de rua nos locais apresentados. São exemplos:

⁸ Esclarecemos que os comentários são transcritos sem a identificação de autoria e preservando o formato original.

Ponto de ônibus é para a população usar como ponto de ônibus. Lugar de pessoas dormirem não é ali. Isso atrapalha o usuário do ônibus (71)

Ótimo, agora vou ter q ficar em pé nas paradas esperando ônibus pq vão tirar os bancos para o mendigo poder dormir tranquilo (47)

Eu saio as 4:30 da manhã pra trabalhar, e com a calçada totalmente tomada de moradores de rua e suas tralhas, tenho que passar pelo meio da rua. (73)

Fica difícil em relação aos bancos no ponto de ônibus, a gente está cansada com sacolas pesadas e não tem como sentar porque sempre tem algum dormindo tá tudo errado (80)

Alguns enunciados recorrem, ainda, a argumentos da ordem do ético, avaliando, em termos de bem ou mal, de certo e errado. Segundo Charaudeau (2008), essa avaliação pode se basear numa moral externa (regras de comportamento impostas ao indivíduo por um consenso social) ou interna (regras de comportamento estabelecidas pelo próprio indivíduo). Exemplificam esse tipo de procedimento os seguintes comentários:

Agora o comerciante é obrigado a chegar em seu estabelecimento, acordar essas pessoas (que muitas vezes não querem levantar e até brigam por terem sido acordadas) lavar a calçada por estar com urina e fezes! (98)

Os particulares não estão errados em zelar pela a segurança e higiene dos seus estabelecimentos (63)

É correto o cidadão, o idoso, a gestante ficar em pé para que o morador de rua fique dormindo em um banco de onibus? É correto não poder andar em uma calçada porque os moradores de rua estão dormindo lá? (36)

Finalmente, há comentários que exploram o domínio do hedônico. Segundo Charaudeau (2008), os argumentos desse domínio se pautam nos sentidos e definem as ações, os fatos e comportamentos em termos daquilo que é agradável ou desagradável. São exemplos desses procedimentos os comentários abaixo:

[...] se você fosse dono do comércio e tivesse fezes, urina, lixo todo dia na sua porta você iria gostar? (43)

Claro que é desagradável ver diariamente o local onde vc mora ou trabalha cheio de fezes, urina e sujeira. (67)

Gostoso é acordar cheiro de merda e mijo no seu portao. Adoro!!! (96)

Esses procedimentos permitem a construção dos imaginários que serão descritos a seguir. Trata-se de representações que desqualificam as pessoas em situação de rua e que fomentam entre os leitores internautas e a população em geral a aversão a essas pessoas. Essa imagem negativa já é materializada por meio das identificações e qualificações subjetivas usadas para se referir a essas pessoas e que revelam um profundo desprezo por elas, tais como: moradores de rua, mendigo, vagabundo, merda:

Difícil opinar, os moradores de ruas e usuários de drogas acabaram com vários comércio na avenida, todo dia era lixo, drogas e roubo na região. (8)

Isso não é apobofobia! O morador tem o direito de querer sair de casa e não se deparar com um mendigo. (2)

...vagabundo não pode ficar na porta do comércio (3)

Agora um loja é obrigado a deixar um merda deitar lá. (2)

A análise dos dados nos permitiu identificar a projeção de imaginários de crenças de saberes de opinião, uma vez que o sujeito se engaja e expressa um julgamento circulante no grupo social ao que pertence e que se apresenta quase sempre por meio de enunciações generalizantes. Nesse sentido foram aqui identificados os imaginários das pessoas em situação de rua como ociosos, marginais, sujos e inimigos da população. Vejamos a seguir os exemplos que conduzem a essa interpretação.

i. Pessoas em situação de rua são, deliberadamente, ociosas

Várias manifestações projetam a imagem das pessoas em situação de rua como indivíduos ociosos, que permanecem nessa condição por vontade própria. Em alguns casos, fica claro que essas pessoas se negam a receber, deliberadamente, a assistência oferecida, recusando, por exemplo, a acomodação em albergues públicos para permanecer nas ruas.

Não querem receber assistência. Preferem viver na rua quando vão resgatar, eles não querem. Já assisti essa cena diversas vezes aqui no bairro! (4)

Vale lembrar que isso não é uma ação, mas uma reação a atitudes da parcela das PSR que não querem ser ajudados ou sair desta situação, querem apenas ocupar sem assumir o ônus da conservação de uma propriedade [...] Para quem não os escolhe (os albergues) e PREFERE a rua, isto é mera escolha de vida

[...] nenhuma pessoa deve ser forçada a arcar com as consequências da escolha de vida de outra [...] (13)

Os moradores de rua muitas vezes drogados não querem ir para abrigos e quem paga somos todos nós. (32)

Trabalho no pronto socorro da minha cidade e a grande maioria dos moradores de rua que vão pra lá pra dormir tem família e casa, ficam na rua pra ter liberdade pra usar drogas. Nossa cidade tem abrigo pra eles e não vão [...], a maioria quer viver nas ruas usando drogas e sem responsabilidades . (53)

Eu mesma vi moradores de rua que não queriam ajuda e preferiam ficar perambulando por aí. (58)

Existem dois albergues muito, muito bons muito perto deste local. Comida bem feita, banho, roupa de cama limpa. Só não pode entrar embriagado, então eles preferem dormir na rua (86)

ii. *Pessoas em situação de rua são perigosas, violentas, marginais e criminosos*

Alguns comentários se valem de pequenas descrições narrativas por meio das quais testemunham situações em que pessoas em situação de rua teriam tomado atitudes violentas ou criminosas. Muitos, no entanto, apresentam suas constatações a partir de generalizações para as quais não se apresentam evidências concretas.

Difícil opinar, os moradores de ruas e usuários de drogas acabaram com vários comércio na avenida, todo dia era lixo, drogas e roubo na região. (8)

Eles em sua maioria são grosso e sem educação. Outro dia um me pediu dinheiro, falei q não tinha mas tinha um salgado q tinha comprado pro meu filho dei a ele, ele disse q não queria deu um tapa na minha mão q fez o salgado voar (39)

tbm temos moradores de rua que causam problemas, bebem e mexem com mulheres e crianças... (48)

Moradores de rua aqui no rio praticam vários furtos, vigiam o movimento durante o dia e invadem os locais à noite pra roubar, também espalham lixo e usam a rua como banheiro (62)

Se roubassem menos, teriam como dar jeito nisso! Eles nas calçadas e roubando por aí, é só a pontinha do iceberg (65)

Não sou favorável contudo, há alguns que pedem \$ e se,naquele momento você não tem como dar sua contribuição, eles agredem, xingam dentre outros. (77)

iii. *Pessoas em situação de rua são sujas*

É frequente a associação da pessoa em situação de rua à sujeira. Usam-se, frequentemente, termos grosseiros para se referir à sujeira que seria provocada por eles, o que parece acentuar o caráter grotesco e o sentimento de aversão, nojo, que se pretende associar a essas pessoas. Tais manifestações podem vir a fundamentar iniciativas higienistas por parte da população e de representantes da administração pública que acreditam que a solução do problema da população de rua é a higienização dos lugares que frequentam, a retirada de seus objetos e, até mesmo, a sua retirada dos locais.

Agora um loja é obrigado a deixar um merda deitar lá, fazer coco, XIXi e deixar tudo fedendo ao redor da loja, de seu comércio? Vão a merda vcs e esse padre (2)

Fico imaginando o pobre coitado trabalhador ter que pagar aluguel IPTU alvará funcionários encargos etcetcetc e ter que perder seus clientes pq seu negócio virou poleiro onde a turma dorme fuma crack e deixa o mijo e a cagada!!! (19)

Nenhum lojista é obrigado a se deparar com fezes e restos de comida todos os dias em frente ao seu estabelecimento. Todo mundo aqui gosta de andar em calçadas limpas e entrar em lojas sem uma fachada insalubre, então, não sejam hipócritas. (34)

Não é Aporofobia, é "porcorofobia" !Pq a muitos lojistas (me incluo nisso) sofrem muito com a sujeira, falta de cuidado e até vandalismo de moradores de rua. (35)

E a catinga de bosta, mijo, uso de drogas é o que? (40)

[...] se você fosse dono do comércio e tivesse fezes,urina,lixo todo dia na sua porta você iria gostar? (43)

Claro que é desagradável ver diariamente o local onde vc mora ou trabalha cheio de fezes, urina e sujeira. (67)

Quem tem que lavar as merdas e urinas todos os dias agradecem esse tipo de arquitetura. Quem não concorda, passa o endereço de sua casa e libera a frente para cagarem e mijarem diariamente (68)

Todos os dias eu chegava para trabalhar e tinha que lavar o chão pq sempre tinha urina e bitucas de cigarro pra todo lado (70)

Na minha cidade os moradores de rua fazem suas necessidades fisiologicas nas calçadas dos comércios. Muitos comerciantes já nao suportam mais toda manhã lavar calçadas e aja sabao e desinfetante todos os dias. (79)

Poxa vida ta um saco isso o comerciante chega todo santo dia e tem que higienizar a fachada da loja para tirar o odor de fezes e urina em alguns casos resquícios de drogas. (83)

Galera.... Alguém aqui já lavou uma calçada repleta de fezes humanas? Pois bem, não há desinfetante que elimine o cheiro, imagine isso sendo feito todos os dias. (84)

Estas pessoas passam a noite nas caçadas e quando amanhece é aquela podridão de fezes e urina e mais lixo e quem limpa é o comerciante (91)

Gostoso é acordar cheiro de merda e mijo no seu portao. Adoro!!! (96)

Agora o comerciante é obrigado a chegar em seu estabelecimento, acordar essas pessoas (que muitas vezes não querem levantar e até brigam por terem sido acordadas) lavar a calçada por estar com urina e fezes! (98)

Hoje mesmo eu tive que lavar a calçada do meu local de trabalho porque estava cheia de DIARREIA HUMANA, e ainda deixaram a roupa toda CAGADA jogada lá. Não é fácil, gente (100)

iv. *Pessoas em situação de rua são inimigos ou representam ameaça aos trabalhadores, cidadãos comuns e comerciantes*

As pessoas em situação de rua são representadas como ameaças ou como pessoas que representam incômodo, privação de conforto ou de liberdade ao cidadão trabalhador. Também como pessoas que representam prejuízo aos comerciantes. É um discurso que tem o potencial de incitar a população que tem acesso a essa fala a desenvolver o mesmo sentimento de aversão com relação a essas pessoas.

Não é Aporofobia, é "porcorofobia" !Pq a muitos lojistas (me incluo nisso) sofrem muito com a sujeira, falta de cuidado e até vandalismo de moradores de rua. (35)

Difícil opinar, os moradores de ruas e usuários de drogas acabaram com vários comércio na avenida, todo dia era lixo, drogas e roubo na região. (8)

Fico imaginando o pobre coitado trabalhador ter que pagar aluguel IPTU alvará funcionários encargos etcetcetc e ter que perder seus clientes pq seu negócio virou poleiro onde a turma dorme fuma crack e deixa o mijo e a cagada!!! (19)

os estabelecimentos que pagam seus impostos terão que acolher em suas portas esses moradores? (22)

Não é bem assim inventar essa de aparofobia e esquecer que as crianças tem direito de usar as praças. (40)

Se você fosse dono de uma empresa, iria querer que moradores de rua ficasse na frente do seu estabelecimento? (41)

se você fosse dono do comércio e tivesse fezes,urina,lixo todo dia na sua porta você iria gostar? (43)

Os moradores de rua muitas vezes drogados não querem ir para abrigos e quem paga somos todos nós. (31)

Ótimo, agora vou ter q ficar em pé nas paradas esperando ônibus pq vão tirar os bancos para o mendigo poder dormir tranquilo (47)

Arquitetura hostil? Mas hostil com quem? É correto o cidadão, o idoso, a gestante ficar em pé para que o morador de rua fique dormindo em um banco de onibus? É correto não poder andar em uma calçada porque os moradores de rua estão dormindo lá? (36)

Eu saio as 4:30 da manhã pra trabalhar, e com a calçada totalmente tomada de moradores de rua e suas tralhas, tenho que passar pelo meio da rua. (73)

Quem já foi assaltado por viciado em craque entende essa fobia. Entre os craqueiros viciados tem muita gente oportunista que amedronta principalmente mulheres vc e crianças. Acho que o nome certo seria crakofobia. Porque muitos já não são pobres, são viciados e doentes. (75)

Fica difícil em relação aos bancos no ponto de ônibus,a gente esta cansada com sacolas pesadas e não tem como sentar porque sempre tem algum dormindo tá tudo errado (80)

Isso, tira tudo de aporofobia, no outro dia ninguém consegue pegar um ônibus ou entrar no trabalho com um monte de gente dormindo no ponto e nas calçadas (81)

peessoas em situação de rua montaram barracas de camping que tomam toda a calçada fazendo que os usuários do transporte público fiquem praticamente na rua (94)

v. *Pessoas em situação de rua são usuários de drogas*

Muitos comentários reforçam uma imagem negativa das pessoas em situação de rua, qualificando-as como usuárias de droga. Trata-se de uma imagem que não os identifica como pessoas que possam estar demandando apoio, mas como contraventores e/ou criminosos e pessoas que representam risco à população em geral. Os excertos abaixo exemplificam a projeção desse imaginário:

esse local e' mais uma Cracolândia como muitas que tem no país, pobreza econômica, cultural e espiritual (11)

Difícil opinar, os moradores de ruas e usuários de drogas acabaram com vários comércio na avenida, todo dia era lixo, drogas e roubo na região. (8)

uma via expressa que fica com moradores de rua, usuários de crack que atravessam a via sem a menor noção do dano que podem causar. (27)

Padre, isso é o no Rio e é uma Cracolândia na Avenida Brasil. Principal via expressa com uma criminalidade fora do normal. Eu mesmo já quase atropeliei zumbis, pois atravessam a via correndo fora de si. (31)

Os moradores de rua muitas vezes drogados não querem ir para abrigos e quem paga somos todos nós. (32)

Albergues. De onde não devem sair mas, eles preferem a rua mesmo. Tem jeito não. (4)

Como Carioca, gostaria que isso fosse um jardim, mas era ou é uma cracolândia. (33)

O problema é que essas pessoas querem que a rua seja um quarto a céu aberto e confortável para usuários de drogas. (54)

Por fim, destacamos que esses imaginários se encontram difusos em alguns discursos de ódio que associam, como aponta Barros (2014), os cidadãos de rua a características negativas, das quais se destaca a imoralidade. Tais publicações são repletas de expressões de baixo calão e ofensas ao padre Lancellotti e às pessoas que o apoiam. São exemplos dessas manifestações as enunciações que se seguem:

Então deixem esses vagabundos dormirem na porta da casa de vcs porra !! Agora um loja é obrigado a deixar um merda deitar lá , fazer coco , XIXi e deixar tudo fedendo ao redor da loja , de seu comércio? Vão a merda vcs e esse padre (5)

Esses miseráveis deveriam ir para os abrigos e não dormir debaixo de marquises, viadutos, pontos de ônibus, mas leve esses indigentes para os abrigos pra ver se não voltam pra rua pouco depois. Padreco demagogo (82)

Ao interpretar os dados apresentados acima, identificamos uma relação entre os percursos temáticos definidos por Barros (2014) e os domínios de avaliação e imaginários, identificados por Charaudeau (2008, 2017). A atribuição de um caráter esteticamente condenável típica dos discursos de ódio está associada à promoção dos domínios de avaliação estético e hedônico, por meio de expressões que levam a crer que as pessoas em situação de rua

e os espaços que elas ocupam são feios, sujos, desagradáveis e insalubres, o que remete ao imaginário de que essas pessoas são sujas e repugnantes. Tal formulação pode fundamentar a proposição de políticas higienistas como meio para mascarar esse problema social, sem, de fato, agir sobre suas causas. O domínio de avaliação do ético, responsável por promover os imaginários de que as pessoas em situação de rua são usuárias de drogas, violentas e perigosas acentuam o percurso da imoralidade e da diferença, que afasta a população dessas pessoas, uma vez que elas passam a ser vistas não como seres humanos que precisam de ajuda, mas como inimigos. Por fim, a desumanização é promovida pelo recurso ao domínio do pragmático, pelo qual as pessoas de rua são descritas como ociosas, improdutivas, inúteis e como objetos ou entulhos que, simplesmente, obstruem as vias, espaços públicos e estabelecimentos particulares e dificultam o livre trânsito das pessoas. Mais uma vez, essa visão pode favorecer a aversão da grande população a esse grupo e a difusão de políticas higienistas. No quadro abaixo, procuramos sintetizar as relações aqui descritas.

Percursos temáticos (ódio, intolerância, segregação)	Domínios de avaliação	Imaginários
Caráter esteticamente condenável	Estético Hedônico	Pessoas em situação de rua são sujas
Imoralidade	Ético	Pessoas em situação de rua são usuárias de drogas Pessoas em situação de rua são violentas, perigosas, marginais.
Desumanização	Pragmático	Pessoas em situação de rua são entulhos Pessoas em situação de rua são ociosas.
Diferença	Ético	Pessoas em situação de rua são inimigos

Quadro 1 Percursos temáticos, domínios e imaginários nos dados. Fonte: a autora.

Considerações finais

Por meio da análise dos comentários selecionados, pudemos constatar que os percursos temáticos característicos do discurso de intolerância, definidos por Barros (2014) – o caráter esteticamente condenável, a imoralidade, a desumanização e a diferença – se materializam no

corpus por meio de enunciações em que predominam os domínios de avaliação do estético, hedônico, pragmático e ético. Essas enunciações são responsáveis por promover entre os internautas imaginários negativos das pessoas em situação de rua, identificando-as como pessoas sujas, violentas, perigosas, que depreciam o espaço público, atrapalhando a vida das pessoas, e que permanecem deliberadamente nas ruas, praticando delitos e consumindo drogas.

Como propõe Charaudeau (2017), os discursos que projetam imaginários são construídos dentro de um domínio de prática social que funciona como um filtro axiológico. Sendo assim, os julgamentos expressos por meio dos comentários aqui analisados certamente vão ao encontro de valores defendidos por um grupo que compartilha as visões expressas a respeito das pessoas em situação de rua. A polêmica faz parte das interações e é inerente às relações sociais. Contudo, o que se vem observando nas recentes interações nas redes digitais é que argumentos que instauram polêmica podem dar origem a discursos que fomentam a intolerância e o ódio entre as pessoas. Esse é o processo que parece se evidenciar a partir dos dados aqui analisados. Por meio de procedimentos semânticos, do uso de identificações, qualificações e descrições narrativas, falantes se inserem no debate em torno da aporofobia e justificam, apoiam e incentivam essa prática tão nociva, projetando imaginários que criminalizam e desabonam as pessoas em situação de rua, incitando outras pessoas a atitudes de intolerância contra uma população que já se encontra privada das condições mais básicas de uma sobrevivência digna. Diante de eventos desse tipo cabe aos estudiosos do discurso problematizar o modo pelo qual a linguagem pode servir como fator de perpetuação de valores ou como propulsora de mudanças. Foi esse o exercício que tentamos empreender, a partir desse breve estudo que abordou os comentários em torno das publicações do padre Lancelotti no Instagram, sobre a patologia social da aporofobia.

Referências

AMOSSY, R. Por uma análise discursiva e argumentativa da polêmica. *Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, v. 13, n. 1, p. 227-244, jul. 2017. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/1526>. Acesso em: 18 dez. 2021.

BARROS, D. O discurso intolerante na internet: enunciação e interação. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y CONGRESSO INTERNACIONAL ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGIA DA AMÉRICA

LATINA. 17., 2014, João Pessoa. *Anais [...]*. João Pessoa: UFPB, 2014. p. 1-12. Disponível em: <https://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R0716-1.pdf>. Acesso em: 10 de fev. de 2020.

BOURDIEU, P. *Squisse d'une théorie de la pratique*. Paris: Librairie Droz, 1973.

BRUGGER, W. Proibição ou proteção do discurso de ódio? Algumas Observações sobre o Direito Alemão e o Americano. *Revista de Direito Público*, Brasília, DF, v. 1, n. 15, p. 117-136, 2007. Disponível em: <https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/direitopublico/article/view/1418/884%3E>. Acesso em: 8 de fev. de 2020.

CALDEIRA, M. *O brincar e a realidade de rua: um estudo sobre o brincar em adolescentes que vivem nas ruas*. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso*. Os modos de organização. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, P. Um modelo sócio-comunicacional do discurso: entre situação de comunicação e estratégias de individualização. In: STAFUZZA, G.; PAULA, L. de. (org.) *Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso do Brasil*. Uberlândia: EDUFU, 2010. n. p. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Um-modelo-socio-comunicacional-do.html>. Acesso em: 20 set. 2021.

CHARAUDEAU, P. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. Tradução: André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. *Revista Entrepalavras*, Fortaleza, v. 7, p. 571-591, jan./jun. 2017.

CORTINA, A. *Aporofobia: a aversão ao pobre, um desafio para a democracia*. Tradução: Daniel Febre. São Paulo: Contracorrente, 2020. Edição do *Kindle*.

FARIA, D. *Sem descanso: arquitetura hostil e controle do espaço público no centro de Curitiba*. 2020. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. *Estimativa da população de rua no Brasil (setembro de 2012 a março de 2020)*. Nota técnica. [Brasília, DF: IPEA], 2020. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/200612_nt_disoc_n_73.pdf. Acesso em: 18 de nov. de 2021.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. La polémique et ses définitions. In: GELAS, N.; KERBRAT-ORECCHIONI (ed.). *Le discours polémique*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1980. p. 3-40.

META INSTITUTO DE PESQUISA DE OPINIÃO. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME. *Sumário executivo: pesquisa nacional sobre a população em situação de rua*. Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação. [Brasília, DF: META; MDS], 2008. Disponível em: <https://www.justica.pr.gov.br/sites/>

default/arquivos_restritos/files/documento/2019-08/pol.nacional-morad.rua_.pdf. Acesso em: 27 nov. 2021.

MELO, M. Uma análise do aconselhamento “Por que você deve votar em Bolsonaro?”, do pastor Silas Malafaia, no canal do Youtube: produção e recepção de discursos nas redes sociais, sob a perspectiva semiolinguística. *Gragoatá*, Niterói, v. 24, n. 50, p. 1959-1972, set./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/34166>. Acesso em: 17 out. 2021.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução: Eni P. Orlandi *et al.* 4ª. ed. Campinas, São Paulo. Editora da UNICAMP, 2009 [1975].

PIZA, M. *O fenômeno Instagram: considerações sob a perspectiva tecnológica*. 2012. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2012, p. 48.

RECUERO, R. O capital social em rede: como as redes sociais na internet estão gerando novas formas de capital social. *Contemporânea / Revista de comunicação e cultura*, v. 10, n. 3, p. 597-617, set./dez. 2012.

SILVA, M. L. *Trabalho e população em situação de rua no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2009.

SILVA, M. A. *Imaginários sociodiscursivos da mulher em situação de rua na mídia: uma análise discursiva de notícias de jornais impressos de Minas Gerais e Rio de Janeiro*. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2017.

The debate on aporofobia promoted by Father Júlio Lancelotti on social networks: a semiolinguistic analysis

Abstract: This paper aims to describe and analyze the repercussion of Father Júlio Lancelotti's publications on Instagram, throughout the month of January 2022, which denounced the practice of aporophobia for the adoption of a "hostile architecture" in several Brazilian cities. We are specifically interested in the comments that oppose Lancelotti's publications and that reproduce and reinforce the feeling of a version to the poor that the priest denounces. To undertake our analysis, we adopted as a theoretical axis the semiolinguistic analysis of discourse, by Patrick Charaudeau, especially the notion of sociodiscursive imaginary and the procedures related to the argumentative organization mode, defined by this author. This analysis allowed us to verify that the publications that support attitudes of aporophobia cite arguments that reinforce a series of negative imaginaries associated with the image of the homeless person, which place them as harmful to the population in general, which makes them these publications have the potential to incite readers to foster a feeling of aversion to the poor.

Keywords: Discourse; Aporophobia; Social networks.

Recebido em: 30 de janeiro de 2022.

Aceito em: 17 de maio de 2022.